

A Praga dos Números

Ainda que eu vivesse mais algumas décadas, jamais seria capaz de entender direito os efeitos dessa tal globalização. Como pode alguém comer um roedor de asas do outro lado do mundo, e isso trazer uma doença mortal à minha porta?

Saúdo as novas gerações por entender e aceitar fatos tão complexos, e com o mesmo ânimo, os amaldiçoo por essa conquista. Hoje em dia, uma doença viaja mais rápido do que eu consigo chegar até o bar do Tonhão, que fica ali na esquina. O mundo está em caos, pois tudo hoje é rápido demais, breve demais, descartável demais... Notícias, infecções, tecnologias... Maldita era da informação, que nos enlouquece!

Preso em casa, entre medos e incertezas, recorri aos jornalistas, afinal, deveriam saber mais do que eu. Com tristeza, descobri que minha televisão, outrora palco do futebol horrível do meu time, se tornou um obituário em tempo real. Só se fala de morte, enfermidades, praga... e de números. Eu estava claramente vivendo a praga dos números. “São mil infectados”, “Hoje morreram trezentos e quarenta”, “A taxa de infecção subiu doze por cento”... De todos os números, um parecia trazer certo alívio para os jornalistas que os noticiavam: “a nova peste só parecia ser letal em pessoas com mais de sessenta e cinco anos”.

Imagino que para a maior parte da população essa notícia era um refrigerio, pois gostemos ou não, o mundo é dos jovens. Mas em mim, essa notícia não “refrigerou” nada, apenas *gelou* demais minha espinha, tamanho foi meu medo ao recebê-la do alto dos meus setenta e dois anos.

Sorte da minha segunda esposa que, infelizmente, morreu há sete anos, após levar três tiros durante um assalto, ali na esquina da avenida Quinze. Apesar da saudade infinita que

sinto dela, fico feliz em saber que ela não viveu esses terrores da meia noite em que o mundo se enfiou.

O mais incrível era não saber nomear meu medo. Não sabia exatamente o quê eu deveria temer: um vírus mortal? Uma "gripezinha"? O contato com as pessoas? O pacato botão do elevador? Nunca em minha vida pensei que, um dia, deveria temer beijos, visitas, abraços, vacinas... Quando as máscaras subiram nos rostos, passei a não reconhecer mais nem metade daqueles que me rodeavam, e assim como seus sorrisos, meu ar também desaparecia de maneira veloz.

Preocupado, recorri aos médicos, afinal, deveriam saber mais do que eu. Com tristeza, mas não espanto, descobri que a praga dos números também tinha afetado o hospital. “Saturação 82%”, “Pressão Arterial 90 por 60”, “Frequência cardíaca: 110”, “coloquem o Sr. João no leito *dezessete*”... Parecia que agora eu também tinha um número para chamar de meu, querendo ou não. Malditos números.

Meu filho tentou entrar para me visitar, mas pelos gritos no corredor com a enfermeira, acredito que tenha sido barrado, assim como os familiares dos outros pacientes internados. Eu não reclamei, pois via até mesmo os médicos com medo, e confesso: é desesperador ver o temor nos olhos daqueles únicos que podem te salvar. Quando o capitão do navio parece estar com medo da tempestade, o risco de se afogar se torna real em nossos corações e mentes.

Por mensagem, meu filho me disse que não lhe era permitido entrar no hospital pelo risco de encontrar com o nosso inimigo invisível, que vagava pelos corredores em busca de uma nova presa. Minha geração teve a sorte de não lutar em guerras, mas não é preciso ser um guerreiro para entender a dificuldade de enfrentar um adversário que não se pode ver, não

tem pontos fracos, e que parece saber exatamente o que fazer para te matar a qualquer momento, e em qualquer lugar.

Ainda por mensagem, meu filho tentou me animar, me pedindo para manter a fé e a positividade. Pois bem, acho que tamanho otimismo deixou meu exame *positivo*. Sim, eu estava com a praga dos números correndo nas minhas veias e em meus pulmões. A essa altura, eu era mais um João naquela enfermaria, e as enfermeiras me chamavam de “João 03” ou de “João do leito dezessete”. Talvez, depois dos sorrisos e do fôlego, essa praga dos números também retirava os nossos sobrenomes, trocando-os por mais números malditos. Pensei até em reclamar, pois, apesar de ser simples e comum, sempre tive orgulho do meu sobrenome, mas não achei cabível me queixar de coisa alguma. Aquelas pessoas vestidas quase como astronautas, pareciam até mais cansadas e assustadas do que eu.

Vivia uma estranha dicotomia durante meu dia a dia naquele inferno gelado: queria que o tempo passasse logo, afinal, cada minuto naquela cama de hospital parecia uma hora interminável. Por outro lado, se fossem meus últimos momentos de vida, seria correto desejar que tudo fosse mais rápido? Assistia à pequena televisão para tentar me distrair, mas o medo só aumentava. Não é lá muito auspicioso assistir uma contagem diária de pessoas morrendo da doença que está te acometendo. A ansiedade ia dominando minha mente, assim como a tal praga ia tomando meus pulmões.

O ar ia entrando com mais dificuldade a cada inspiração. Eu desliguei meu celular para não precisar responder meu filho, que me perguntava o dia inteiro como eu estava me sentindo, e sei que ele não ficaria feliz em saber a verdade. Meus olhos castigados pela idade já não enxergavam as pequenas letras do telefone há anos, e me faltava o ar para mandar mensagens de áudio. Não queria que ele ouvisse o cansaço em minha voz, pois estava certo que ele ficaria preocupado, e meu filho tinha a própria vida para se preocupar.

Completamente fatigado, eu tirei a coberta fina que me cobria, o lençol velho quase rasgado que me deram, e até mesmo a camisola ridícula que me forçaram a vestir, mas ainda assim, parecia que tinha um elefante deitado sobre o meu peito.

Preocupado, recorri às enfermeiras, afinal, deveriam saber mais do que eu. Apesar da solidão do quarto onde estava, foi incrível ver o quão rápido aquele anjo com roupa lunar veio ao meu socorro, quão logo apertei o botão vermelho ao lado da cama. Eu não precisei falar nada: assim que ela me viu, já apertou um outro botão, e mais algumas outras pessoas vestidas como ela, chegaram ao meu redor.

Meu olfato já não reconhecia o cheiro de quase nada, mas consegui perceber facilmente o perfume de cigarro, café e medo quando o médico se aproximou de mim. Com um pesar estranho na voz, ele me contou, entre outras coisas, que meu pulmão estava 90% comprometido... não me atentei muito para a gravidade da situação, só praguejei comigo mesmo a existência de outro maldito número em minha vida.

Segundo o doutor, ele precisaria me colocar para dormir. Perguntei para ele se me faria acordar depois, mas ele fingiu não ouvir, pedindo alguma medicação com nome estranho para a enfermeira aplicar na minha veia. Quis perguntar mais uma vez, mas imaginei que não teria a resposta, então, apenas pedi para ele que não me deixasse morrer. Ele pareceu pensar em dizer algo, mas me respondeu com apenas com o silêncio de um meio sorriso triste. Era claro que minhas chances eram de 50%: morrer ou não.

Apesar de meu corpo não conseguir se movimentar, minha mente tinha alguns momentos de lucidez. Eu já estava num outro quarto, que mais parecia um salão frio e sem janelas, totalmente nu, coberto apenas por uma fralda e um lençol. Sentia um tubo em minha garganta, outro tubo em minhas partes íntimas, e mais algumas pequenas mangueiras enfiadas em meus braços e em meus ombros. Uma cacofonia de apitos e de canos ventilados traziam o

tom de terror daquele lugar, e um jogo de luzes fantasmagóricas e coloridas piscavam em grandes telas ao lado dos leitos, todas cheias de números. Malditos números. Queria pedir a Deus para me levar, mas temia que a morte fosse ainda mais dolorosa, e não queria deixar meu filho para trás. Eu era a única família que ele tinha.

Após algum tempo, acordei respirando novamente com meu próprio nariz. Reparei que tinha um pequeno furo em meu pescoço, que já parecia quase cicatrizado, mas ainda doía pra diabo. O peso em meu peito havia desaparecido, mas meu corpo nunca estivera tão fraco em toda minha vida. Eu já estava num quarto com outros três homens, cada um em sua cama, também tentando voltar à realidade, e entender o que estava acontecendo. O dia estava nublado lá fora, mas a luz que brigava para passar através das nuvens, me trouxe uma enorme vontade de viver.

Uma enfermeira mostrou verdadeira felicidade ao entrar no quarto e me ver acordado, e parabenizou a minha enorme “força”. Ela me disse que eu já estava curado da praga, mas só poderia ir para casa depois de três dias. “*Três*”... novamente os números... parecia que ainda não estava *curado* de verdade.

Meu celular havia desaparecido e ninguém sabia me dizer onde ele estava. Eu, que sempre fui um homem honesto e pagador dos meus impostos, irei-me com todas as minhas forças, porém, elas eram poucas, e não tive condição alguma de brigar com ninguém. Eu estava vivo afinal, e só isso importava. Achei estranho que meus companheiros de quarto recebiam visitas diárias, mas meu filho, nunca vinha. Talvez ele ainda não soubesse que eu poderia receber visitas, e sem meu celular, não me lembrava do telefone dele de cor. Maldita tecnologia, que nos fez esquecer até mesmo o número de nossos familiares!

Passados os três dias intermináveis, uma enfermeira e uma médica vieram me acompanhar até o lado de fora do hospital. Fui colocado em uma cadeira de rodas, me deram

uma bexiga branca e uma placa para segurar: ela estampava a minha vitória contra a tal doença. Algumas enfermeiras tiraram fotos minhas com seus celulares, e me perguntei intimamente se alguma delas havia pegado o meu, mas não importava, eu estava vivo e indo embora.

Ao sair, encontrei o Tonhão, me esperando encostado em seu Fiat 147. Ele prometeu me levar embora e explicar tudo no caminho. Percorrendo os quase quatro quilômetros até minha casa, meu velho amigo de mais de vinte anos, me contou que, no total, fiquei mais de trinta dias internado. Isso explicaria com certeza os mais de quinze quilos que eu emagreci. Porém, nem o peso e nem o tempo perdido, se comparavam com a perda que tive a seguir: Tonhão me contou que meu único filho havia morrido há nove dias, vítima daquela praga.

Malditos números, mentirosos! Me prometeram que só matariam maiores de sessenta e cinco anos, como explicariam, então, ter levado meu filho com menos de quarenta? Por que pouparam um *velho* como eu? Depois de mais de cinquenta anos trabalhando como contador, jamais imaginei que os números pudessem me machucar tanto assim.

Desolado, recorri a Deus, afinal, Ele *sabe* mais do que eu... mas acho que Ele não me ouviu. Devo ser somente mais um número, ou mais um João, no meio da multidão de bilhões de pessoas no mundo todo, pedindo socorro pela perda de seus entes queridos.

De todos os malditos números dessa praga, apenas esses a seguir realmente me marcaram: meu filho está enterrado na rua seis do Cemitério do Costão, no túmulo 348. Se você passar por lá, vai ver a foto de um lindo rapaz de cabelos castanhos ondulados, sorrindo para um futuro breve que jamais chegará. Debaxo da foto dele, há uma estrela dourada com os números 15/05/1982, e ao lado, uma pálida cruz branca, com os números 14/07/2020.

Encerro essa minha carta, e com ela, as últimas gotas desses setecentos mililitros de whiskey. Ao meu lado está uma foto do meu filho e da minha esposa, sorrindo para mim com um olhar amoroso e sem julgamentos. Do outro, meu velho revólver 38. Por minha covardia, terei apenas uma chance em seis de me juntar à minha família, pois temo que meus dedos não terão coragem de me dar uma segunda chance.

Malditos números, não me falhem agora.